



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 2, set. 2020**  
**ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380**

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.  
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.  
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://doi.org/10.29380/2020.14.02.46>

Recebido em: **05/08/2020**

Aprovado em: **08/08/2020**

A JUSTIÇA RESTAURATIVA NA ESCOLA OS CÍRCULOS DE DIÁLOGO PARA  
CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ; RESTAURATIVE JUSTICE AT SCHOOL  
THE DIALOGUE CIRCLES FOR BUILDING A PEACE CULTURE

LECIA NAJLA DOS SANTOS MELO

**RESUMO** O presente trabalho trata-se de um relato de experiência da minha atuação como facilitadora de círculos restaurativos no Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne-IME, no município de Ilhéus - Bahia. O estudo apresenta o percurso da realização de círculos de diálogo com alunos do Ensino Fundamental II, professores e funcionários da escola. Apresenta também a importância da Justiça Restaurativa como um conjunto de práticas que visam à boa convivência e a prevenção da violência. A realização desses círculos mostrou a importância do estabelecimento do diálogo no ambiente escolar como um meio de promover a conexão entre os sujeitos e consequentemente através dessa ação prevenir possíveis conflitos provenientes de problemas na comunicação. Palavras-chave: Justiça Restaurativa, Diálogo, Círculos de diálogo, Ambiente escolar

**ABSTRACT**

The present work is an experience report of my work as a facilitator of restorative circles at the Municipal Education Institute Eusínio Lavigne-IME, in the municipality of Ilhéus - Bahia. The study presents the path of conducting dialogue circles with elementary school students, teachers and school staff. It also presents the importance of Restorative Justice as a set of practices that aim at good coexistence and the prevention of violence. The realization of these circles showed the importance of establishing dialogue in the school environment as a means of promoting the connection between the subjects and, consequently, through this action to prevent possible conflicts arising from communication problems.

Keywords: Restorative Justice, Dialog, Dialog circles, School environment

**RESUMEN** Este trabajo es un informe de mi trabajo como facilitador de círculos restaurativos en el Instituto de Educación Municipal Eusínio Lavigne-IME, en el municipio de Ilhéus - Bahía. El estudio presenta el camino para llevar a cabo círculos de diálogo con estudiantes de primaria, maestros y personal escolar. También presenta la importancia de la Justicia Restaurativa como un conjunto de prácticas que apuntan a la buena convivencia y la prevención de la violencia. La realización de estos círculos mostró la importancia de establecer un diálogo en el entorno escolar como un medio para promover la conexión entre los sujetos y, en consecuencia, a través de esta acción para prevenir posibles conflictos derivados de problemas de comunicación.

Palabras-clave: La justicia restaurativa, Diálogo, Círculos de diálogo, Ambiente escolar

**Introdução** Verifica-se que a escola é o ambiente onde professores, alunos e demais profissionais da educação passam grande parte seu dia. Por sua vez, nesse espaço há uma enorme convergência de ideias e pensamentos, justamente pela pluralidade que o forma. Esse é também um espaço propício a construção coletiva de saberes e é o local onde há imensa troca de experiência entre os atores deste cenário e, assim, é natural a presença de conflitos. Considerando isto, é importante que seja implementado em ambientes escolares práticas que possam promover uma comunicação não violenta criando um ambiente de diálogo e pacificação. Pensar numa cultura de paz na escola é uma forma de tornar esse ambiente mais inclusivo e respeitoso para os diversos atores que ali interagem. Para isto, a promoção de um diálogo saudável entre os sujeitos com vistas a tratar os problemas do dia a dia e também discutir temas que permeiem a realidade escolar torna-se uma atividade que pode trazer a esse ambiente uma cultura de paz e harmonia, tratando os conflitos e evitando que este se transforme em atos de violência nas suas mais variadas formas de manifestação. Considerando esse cenário, a Justiça Restaurativa com seus pressupostos teóricos e metodológicos específicos podem auxiliar na construção de uma cultura de paz nas escolas, fortalecendo as relações da comunidade escolar e contribuindo com a restauração e humanização do ambiente escolar. Podemos encontrar nos pressupostos da Justiça Restaurativa objetivos, valores e princípios que podem melhorar as relações interpessoais. Nesse sentido, este artigo visa relatar a experiência de trazer ao ambiente escolar uma prática que promova o bom relacionamento e a melhoria da comunicação entre os que convivem diariamente neste espaço, demonstrando que através dos círculos de diálogo, a escola pode promover um ambiente de cultura de paz. **A justiça Restaurativa (JR) e os Círculos de Paz** De acordo com Zehr (2012), a Justiça Restaurativa começou como um esforço para lidar com assaltos e outros crimes patrimoniais que em geral são vistos (erroneamente em muitos casos) como ofensas de menor potencial ofensivo. Atualmente abordagens restaurativas como os “círculos” ultrapassam o sistema de justiça criminal e chegam a escolas, locais de trabalho e instituições religiosas. Zehr (2008, p.251) aponta que “a justiça restaurativa se funda no pressuposto de que, como indivíduos, estamos todos interligados, e o que fazemos afeta todas as outras pessoas e vice-versa”. Nesse sentido a Justiça Restaurativa é compreendida como um conjunto de estratégias que sugere um modo de vida, pautado em três valores principais: o respeito, a humildade, o maravilhamento (ZEHR, 2008). BRANCHER (2010) afirma ser a Justiça Restaurativa uma maneira de restaurar um dano causado através de um conflito instaurado, onde o ofensor, a vítima e a comunidade possam dialogar buscando a compreensão mútua e promovendo a responsabilização, saindo dos moldes tradicionais da culpa. No entanto, para além das aplicações no sistema judiciário, sua utilidade vem atingindo os mais variados espaços, sempre se baseando no diálogo e compreensão para a resolução de conflitos. Assim, vemos que na atualidade a JR pode ser conceituada de diferentes formas, envolvendo práticas que se preocupam com a resolução coletiva de conflitos, mas para além disso, procura conectar as pessoas resgatando sua humanidade e conectividade. Dias (2016, p.181) aponta a dimensão pedagógica da Justiça Restaurativa Baseada em uma comunicação não violenta busca pacificar e resolver conflitos gerados pela violência em uma comunidade, bairro ou escola, com base em valores fundamentais, como o respeito, a participação, a responsabilidade, o empoderamento e a humildade.

Levando em consideração essa perspectiva, a JR se mostra como uma alternativa muito pertinente para a educação, uma vez que os ambientes educacionais são constantemente bombardeados por situações de intolerância que conduzem a violência que se manifesta de variadas formas. Assim ao resgatar valores fundamentais no estabelecimento de um diálogo do sujeito com suas próprias ações, nasce uma esperança de reflexão e mudança de atitude.

A Justiça Restaurativa tem demonstrado ser um terreno fértil para a instauração de uma nova ótica nas relações, pautada pela corresponsabilidade, reciprocidade e compromisso. Para tanto, esta metodologia parte do princípio de que as relações podem ser restauradas baseadas nos valores de inclusão, pertença, solidariedade e escuta ativa (GROSSI, et al.2009). Assim, percebe-se a JR não apenas como uma metodologia de trabalho seja no judiciário ou em outros espaços, mas como um conjunto de práticas que se baseando em importantes valores visam promover uma mudança de vida

para os que a conhecem.

## **Caracterização da escola**

A escola campo da prática descrita nesse trabalho é o Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne, localizada no centro do município de Ilhéus/BA, acolhendo aproximadamente 1.500 estudantes, oriundos da zona rural e da sede, distribuídos em três turnos: matutino, vespertino e noturno; oferece educação básica, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, no nível Fundamental II. Essa é a escola em que sou lotada como professora de Geografia, o que justifica ter levado essa prática para meu ambiente de trabalho e convivência. Some-se a isso o fato dessa escola ser piloto na implementação de um projeto de Justiça Restaurativa no ano de 2018. O projeto é uma iniciativa do Juizado da Vara de Infância e Juventude, em Ilhéus/BA, no entanto devido a uma série de fatores nesse ano não teve todas as suas ações efetivadas, não conseguindo que a prática de construção de paz através dos círculos fosse efetivada de maneira mais abrangente.

## **Desenvolvendo círculos de diálogo no ambiente escolar**

Acreditamos que o ambiente escolar é um terreno fértil para conflitos, justamente por reunir indivíduos com experiências e história de vida muito diversos. Os conflitos em si não podem ser considerados um problema, uma vez que

O conflito é inerente à condição humana e pode representar uma oportunidade para a construção do diálogo e da cooperação. Ele pode significar perigo se o impasse permanecer e a situação conflitiva continuar retirando as energias individuais e potencializando o conflito; ele pode significar oportunidade se forem criadas novas opções e possibilidades para que os indivíduos criem e solucionem problemas cotidianos. (NUNES, 2018, p.29)

Dessa forma compreendemos que os conflitos devem ser entendidos como oportunidades para que os envolvidos possam aprender a conviver em meio a divergência de ideias e crescer uns com os outros valorizando suas diferenças. No entanto, para que isto ocorra, faz-se necessário que os sujeitos tenham uma prática que os conduza a ouvir e tratar esses conflitos. Assim, a aplicação de círculos de diálogos na escola foi uma oportunidade de apresentar aos diversos sujeitos desse ambiente uma das práticas restaurativas muito pertinentes ao melhoramento das relações no ambiente escolar. Dessa maneira,

As Práticas Restaurativas constituem-se em procedimentos e atividades proativas que podem colaborar para a prevenção e na resolução positiva de conflitos em geral, contribuindo para evitar a violência e garantir o desenvolvimento de boas relações no espaço escolar. (NUNES, 2018, p.10)

Assim, a promoção de práticas restaurativas na escola aparece como uma alternativa muito pertinente que procura primeiramente o fortalecimento das relações interpessoais, ou seja, tratar as pessoas a fim de evitar que a falta de tratamento dos conflitos se transforme em situações de violência. No que diz respeito aos recursos, essas práticas são muito fáceis de ser organizadas, pois o destaque está no desenvolvimento de valores e na busca de conexão entre os sujeitos, procurando trabalhar a empatia, o respeito, e a responsabilização, a fim de que todos percebam que suas ações interferem diretamente

no bem-estar de todos. Dessa maneira, a aplicação de círculos de construção de paz no ambiente escolar apresenta uma enorme aplicabilidade. Por conseguinte, o processo em Círculo se baseia num conceito simples: todos desejarem ter um bom relacionamento com os outros. Assim, quando se cria um espaço respeitoso e reflexivo, as pessoas conseguem criar um terreno em comum, vencendo a raiva, a dor e o medo, por fim chegando a uma condição em que o cuidado mútuo é natural (PRANIS, 2010).

Nesse contexto, a realização de processos circulares amplia as possibilidades do estabelecimento da boa convivência, buscando para isso a reflexão conjunta, criando um espaço colaborativo em que todos possam se ouvir e respeitar, vencendo assim os conflitos que se colocam como obstáculo para um convívio pacífico e saudável. Para iniciar a prática com círculos de construção de paz é necessário conhecer o processo para realizar os procedimentos que caracterizam essa proposta, e o primeiro deles é saber a função do facilitador. Ele deve criar um ambiente de segurança para que todos os participantes se sintam a vontade em falar, mesmo que os temas não sejam a princípio tão confortáveis. (BOONEN, 2011). O facilitador deve organizar um círculo seguindo as indicações, como aponta Boyes-Watson e Pranis (2010, p.37)

Como é, então, o círculo? Visualmente, você verá:

participantes sentados em um círculo, de preferência sem móvel algum no meio;

uma peça no centro, que cria um foco central para os participantes;

uma cerimônia de abertura que marca o início de um espaço especial do círculo;

um objeto, chamado de objeto da palavra, que é passado de pessoa para pessoa, a fim de regular o fluxo do diálogo (quem fala e quando);

uma cerimônia de fechamento que marca o final de um espaço especial do círculo.

Nesse sentido, é importante que se siga as indicações, uma vez que a prática restaurativa de círculos, não é um simples ato de dispor pessoas num círculo, mas suas indicações devem ser consideradas, bem como ser delineado a partir de um planejamento das questões que nortearão o encontro. Assim, o facilitador coloca os sujeitos num momento de extrema conexão, pois “O círculo de construção de paz é, acima de tudo, um lugar para criar relacionamentos”. (Boyes-Watson; Pranis, 2010, p.16). Da mesma forma BOYES-WATSON e PRANIS (2010) nos conduzem a um processo de humanização dos envolvidos nessa prática, que tem como premissa a criação de uma cultura de paz, essa construção segundo elas, perpassa por alguns princípios, a saber:

- Dentro de cada um de nós está o verdadeiro eu: bom, sábio e poderoso;
- O mundo está profundamente interconectado;
- Todos os seres humanos têm um profundo desejo de estarem em bons relacionamentos;
- Todos os seres humanos têm dons; cada um é necessário pelo dom que traz;
- Tudo de que precisamos para fazer mudanças positivas já está aqui;
- Seres humanos são holísticos;

- Nós precisamos de práticas para criar hábitos de viver a partir do eu verdadeiro

Esses princípios devem conduzir a prática dos círculos, pois a partir deles cada sujeito pode se reencontrar consigo mesmo em sua humanidade e é nesse reconhecimento que poderemos mudar nossa atitude diante de nós mesmos e do outro. Algo também muito importante no processo circular é garantir a escuta, pois não podemos falar em diálogo se apenas alguém fala, mas não é ouvido atentamente. Nunes (2010) afirma

A ferramenta mais importante para um bom diálogo e para resolver conflitos é saber escutar com vontade, com atenção e intenção. Escutar demanda decisão consciente e a vontade de nos livrarmos da distração e das intervenções. Além de prestar total atenção na outra pessoa, é preciso escutar também com o coração e com a alma. Aprender a escutar desenvolve paciência e humildade. (p.49)

Nesse sentido, ouvir é também uma premissa a se considerar para que a prática do círculo seja realizada de forma a atingir os seus objetivos, o facilitador precisa conduzir os sujeitos nesse processo e enfatizar a importância dessa ação para que o diálogo possa de fato fluir e cumprir o seu papel de conectar os envolvidos, assim, falando e ouvindo, respeitando a fala de todos é que o círculo vai se moldando com uma atividade humanizadora. O autor ainda nos traz uma importante colaboração quando aponta

O círculo garante mais autonomia aos participantes, leva ao empoderamento, gera horizontalidade nas relações, melhora o senso de pertencimento ao grupo e é uma poderosa ferramenta para o diálogo. Permite, também, que as pessoas tímidas e que raramente falam, passem a se expressar, gerando inclusão, e possibilita àqueles que falam muito e ouvem pouco, que aprendam a ouvir as demais opiniões (NUNES, 2010, p.67).

Assim, vemos que a metodologia dos círculos de paz cumpre a função de agregar as pessoas, fazendo com que elas sintam que não há alguém maior ou mais importante, todos participam numa esfera de humildade e colaboração onde a fala de todos é importante, mesmo aquele que tão pouco se expressa ou ainda aquele que prefere por algum motivo participar apenas com sua escuta. Permite que todos tenham a mesma oportunidade, indo de encontro ao paradigma da desigualdade onde as pessoas são vistas de acordo com as habilidades que alguém considere mais valorizada que outras.

### **Experiência escolar: Aplicando círculos de diálogo**

O diálogo é uma ação fundamental para o estabelecimento de bons relacionamentos, da mesma forma “A construção de diálogos significativos é a principal base para as práticas restaurativas, pois o diálogo promove a colaboração, a intersubjetividade, a reelaboração do problema e a humanização das relações” (NUNES, 2018, p. 47). A escolha dessa metodologia revela uma das necessidades primordiais que todo ambiente educacional precisa sanar, ou seja, ruídos na comunicação ou até mesmo impossibilidades que convergem em conflitos não resolvidos culminando em muitos problemas que chegam até mesmo extrapolar o ambiente escolar. Porém,

Quando pensamos em diálogo, não estamos nos referindo ao simples ato de

conversar, mas sim a uma proposta que contribua para a mudança de comportamento dos sujeitos envolvidos e para o desenvolvimento de uma práxis social que busque a transformação da situação de violência na escola. (SANTOS; RODRIGUES, 2013, p.284)

Nesse sentido, a prática dos círculos busca um diálogo colaborativo que contemple a responsabilização, ou seja, que gere mudança de atitude a partir das realidades evidenciadas, com vistas ao estabelecimento de um melhoramento nas relações no espaço escolar. Freire (1987) traz a proposta de uma educação que se estabeleça de forma horizontal mediada pelo diálogo, e que seja pautada na problematização da realidade, isto é, a reflexão da realidade, a conscientização, o conhecimento de sua condição no mundo. Uma educação do ser em comunhão com o outro. Considerando isso, vemos o quão é relevante pensarmos numa proposta que vise ouvir os sujeitos em suas singularidades objetivando a transformação de sua realidade.

A fim de proporcionar momentos de conhecimento da prática restaurativa de círculos de construção de paz na comunidade escolar, as ações foram planejadas com vistas a atingir estudantes, professores, profissionais da educação e equipe gestora. Foram realizados 10 círculos entre os meses de março a agosto de 2019, nos turnos matutino e vespertino, sendo a maioria realizado com os alunos. Desta forma, os círculos foram executados a fim de possibilitar reflexões a respeito da forma como dialogamos no espaço escolar, com base em algumas temáticas, a saber: Importância da promoção da paz para garantia da boa convivência; A importância da escola e por que devemos cuidar dela; Busca de alternativas para situações de violência na sala de aula; A importância de manter convivência saudável na sala de aula; Discutir a importância do respeito nas relações interpessoais; Estimular a conscientização acerca das possibilidades de futuro: compartilhando sonhos e aspirações; Construir bons relacionamentos por meio do reconhecimento positivo; O diálogo como premissa básica para um bom relacionamento profissional. A escolha das temáticas foi planejada criteriosamente após o levantamento das turmas onde iriam ocorrer, considerando as necessidades de cada grupo.

A preparação e aplicação dos círculos foram realizadas em conjunto com a vice-diretora da escola que também participou da formação no Curso de facilitadores de Círculos de Justiça Restaurativa e Construção de Paz promovido pelo Instituto *Terre des hommes* e que motivou essa ação no ambiente escolar. Outra motivação também partiu do fato da escola ser uma das participantes do projeto de Justiça Restaurativa: Um olhar sobre crianças e adolescentes do município de Ilhéus, implantado pela Juíza da Vara de Infância e Juventude do município de Ilhéus, que já havia realizado algumas ações na escola quando se deu o início do projeto. No entanto, essa atuação foi restrita aos estudantes do 8º e 9º anos, público alvo do projeto. Considerando isto, ao planejar os novos círculos, procuramos enfatizar os anos que ainda não tinham vivido essa experiência, bem como os profissionais da escola a fim de que tivessem conhecimento da prática.

Para a escolha das turmas que participariam dos círculos, analisamos quais dentre as vinte turmas da escola apresentavam situações em que a necessidade do diálogo era mais urgente. Para fazer essa análise, ouvimos os professores para levantamento de situações que necessitassem de intervenção, a fim de atingir os casos mais urgentes entre os estudantes, pois precisaríamos também atingir os profissionais da escola. Essa discussão ocorreu nas reuniões de planejamento, onde os professores levantaram possíveis temáticas a serem trabalhadas. Dessa maneira, foi identificado que havia necessidade de trabalhar com os novos alunos (egressos do 6º ano) a fim de discutir a valorização do ambiente escolar e as relações que nela se estabelece; com turmas onde a violência e desrespeito eram muito constantes, tanto entre os próprios estudantes quanto entre estes e os professores; com turmas onde se percebia um problema grave de baixa autoestima.

A proposta de realização do círculo consiste em dar a oportunidade aos adolescentes de refletirem sobre suas próprias ações, evitando a culpabilização do outro por possíveis atitudes em sala de aula

ou extraclasse, isso com base na construção colaborativa, onde todos participam e ouvem diferentes pontos de vista. Nunes (2018) nos traz que

O círculo estabelece conexão profunda entre as pessoas; explora as diferenças, ao invés de eliminá-las, e constitui um espaço de construção coletiva do saber e de análise da realidade social, pois permite a reflexão conjunta, o confronto de ideias e o intercâmbio de experiências entre os participantes (NUNES, 2018, p.67)

Boyes-Watson e Pranis (2010, p.16) contribuem nesse processo nos trazendo que “O círculo de construção de paz é um lugar para se adquirir habilidades e hábitos para formar relacionamentos saudáveis, não só dentro do círculo, mas também fora dele”. Nesse sentido a participação no círculo é uma forma de aprender uns com os outros, valorizando as singularidades e especificidades de cada sujeito. Para realizar os círculos, tivemos o apoio dos nossos professores, os quais cederam algumas aulas para a aplicação da prática circular e aproveitavam o momento para participar da prática conectando-se com os alunos nessa atividade. Essa interação compôs um momento único para algumas turmas que não haviam tido anteriormente a essa atividade outro contato com seus professores para além de atividades cotidianas de aula. Silva (2006, p.167) aponta que

O professor é aquele que vai além de transmitir conhecimentos. Pelo estabelecimento de uma relação afetiva, traz no seu interior um modelo com quem podemos nos identificar, sendo esta por vezes tão forte a ponto de ambos poderem investir nessa relação, tanto o professor como o aluno.

Percebe-se que há grande importância nesse relacionamento entre professor-aluno que envolve uma relação de afetividade cotidiana. Dessa forma, consideramos a participação dos professores como um ponto muito positivo no processo, embora, não tenhamos conseguido essa participação em todos os círculos, os quais ocorreram na mesma sala em que os estudantes passam o seu dia a dia, porém para essa realização a sala primeiramente era organizada pelas facilitadoras. Primeiramente era solicitado que os estudantes guardassem seus materiais e dispusessem as carteiras de maneira a formar um círculo fechado, então as facilitadoras organizam os objetos de centro que são os elementos que são fundamentais para a acolhida e que geram desde o início curiosidade nos estudantes.

Uma vez sentados de forma circular, os estudantes recebem as informações necessárias em seu primeiro contato com o círculo. Assim, explicam-se as origens da prática, sua dinâmica e objetivos, enfatizando o estabelecimento de relacionamentos saudáveis. Em seguida um facilitador explica a simbologia dos objetos no centro e se escolhe um deles para representar o objeto de fala, que será utilizado para dar o “poder da fala”, ou seja, é enfatizado que este objeto dá voz ao portador embora não o obrigue a se expressar, pois a participação precisa ser voluntária. Aos demais é importante que fique claro a importância da escuta, e principalmente enfatizar que nenhuma fala deve ser julgada, sendo o julgamento uma atitude que pode promover o afastamento e falta de conexão no grupo. Assim, segue-se a cerimônia de abertura, que era realizada com auxílio de texto, música ou prática de respiração. Para iniciar o momento de conexão fazemos um check-in, onde os participantes tem a oportunidade de se apresentarem, dizer como estão se sentindo, quais suas expectativas no encontro. Em seguida, os estudantes são convidados a levantar valores importantes para guiar o círculo e juntos montamos também as diretrizes que regerão o encontro. Logo após inicia-se as questões geradoras com foco no tema de cada círculo. Após todos se expressarem a partir das questões, os alunos são convidados a participar do cheque-out onde expressam como estão saindo do círculo, ou como foi a experiência utilizando apenas uma palavra. O círculo se encerra com uma cerimônia de fechamento que pode envolver apreciação de vídeos ou ouvir uma música, por exemplo.

Em todo o processo a prática da confiança, a cumplicidade, o respeito, a amizade e o empoderamento

contribuem para que as participações possam fluir, sendo primordial o papel do facilitador para estabelecer um ambiente seguro e acolhedor. Outrossim, o facilitador não conduz apenas a participação dos sujeitos no círculo, mas participa de todas as etapas, ficando livre para participar expressando suas opiniões, falando as suas histórias, e dessa forma, oportuniza um ambiente que abre a possibilidade para que todos sintam a verdade e a sinceridade que envolve o processo (PRANIS, 2010). Essa participação é fundamental para o estabelecimento da relação de confiança no círculo, nele as relações de hierarquia se desfazem, e isso leva os estudantes a sentirem-se mais seguros o que garante a sua liberdade de expressar-se com sinceridade. Muitos alunos tem dificuldade de se expressar através da oralidade, no entanto, o ambiente acolhedor do círculo levou-os a sentirem-se a vontade de falar livremente sem medo de julgamentos. A aplicação dessa proposta e a boa receptividade entre os estudantes levam-nos a pensar inclusive num alargamento dessa atuação, considerando a importância que o diálogo assume nesse espaço. Dias (2016, p. 181) afirma

O ambiente escolar mediado pelo diálogo potencializa algumas ações, como: o trabalho conjunto; a relação professor-aluno sedimentada no respeito, afeto e escuta; fortalece a participação dos pais/responsáveis nas práticas escolares; (re) significa valores, como ética, justiça e solidariedade; implanta qualificação profissional e possibilita práticas diárias para concretização pacífica dos conflitos através da restauração das relações sociais.

Dessa maneira, o estabelecimento de um trabalho efetivo pautado no diálogo pode trazer diversos benefícios para o ambiente escolar, melhorando o relacionamento dos estudantes com professores, colegas, funcionários e permitindo que a família possa ver a escola como parceira diante das dificuldades educacionais que encontra com seus filhos. Considerando essa perspectiva de educação, percebe-se que adotar práticas com vistas a uma cultura de paz na escola é algo urgente dado o seu retorno. Como nos mostra Chrispino (2007, p. 13) “a mediação de conflito pode auxiliar na melhoria das relações sociais, em novas formas de solucionar as diferenças, e potencializar comportamentos de solidariedade, tolerância e responsabilidade”.

Interessante perceber como a relação afetiva tem uma relevância nessa prática, a conexão entre os participantes se dá de forma mais eficaz tão logo se consiga estabelecer essa relação. A exemplo disso, tivemos a experiência de trabalhar em turmas consideradas muito indisciplinadas, onde conseguimos estabelecer diálogo sem dificuldade, e foi apontado pelos estudantes que o tratamento recebido proporcionou que eles conseguissem se expressar com leveza. A partir da fala dos estudantes em cada um dos círculos, ficou perceptível a importância da implantação de círculos de diálogo de forma constante no ambiente escolar a fim de que os participantes sintam-se mais valorizados. Ao serem ouvidos ficam em situação de protagonismo que muitas vezes no dia a dia das aulas lhes é suprimido. O círculo também promove a comunicação na comunidade escolar, surgindo nesses encontros necessidades que precisam ser mais trabalhadas pela escola. Na escola há uma enorme carência no sentido de melhorar o convívio entre os diversos atores desse espaço e principalmente no que diz respeito ao relacionamento professor-aluno, assim, os círculos de paz são uma ferramenta que pode muito contribuir para o cultivo de um ambiente de respeito e comunicação não violenta.

A oportunidade de realizar os círculos com os professores, equipe gestora e funcionários foi um momento único, prazeroso e marcante para a comunidade escolar. Foi um momento ímpar na escola, onde ouvimos de funcionários ser a primeira vez que tinham a oportunidade de reunir-se com professores e equipe gestora de forma coletiva, iniciativa que consideraram de suma importância, cada um pode se expressar mostrando angústias e sugestões para o aprimoramento dos relacionamentos no espaço escolar. Os professores sinalizaram os quantos se sentiram acolhidos num encontro sem cobranças, e onde puderam ser vistos não apenas como profissionais, mas como

pessoas com sentimentos e anseios.

No cotidiano do trabalho na escola, na maioria das vezes as reuniões administrativas e pedagógicas não conseguem ser momentos de diálogo, e grande parte das vezes compõem monólogos intermináveis sem deixar chance para que os professores possam revelar suas necessidades e angústias. Isso somado ao estresse diário que a docência traz gera muita tensão quando se pensa em momentos de reunião. De início esse foi um impasse na realização dos círculos com esse público, também pelo fato do estranhamento de se verem no mesmo espaço com funcionários, o que é totalmente incomum na sua realidade. Essa tensão inicial também se deu por estes professores se verem sempre na defensiva em receber obrigações no trabalho pedagógico e até mesmo em áreas que, às vezes, não estão ligadas a sua função, cenário típico do professor em escolas públicas. Esse cenário tenso foi mudando a partir do momento que a dinâmica do círculo se iniciou e todos foram percebendo a proposta, ficando muito a vontade em participar e colaborar com a realização do círculo.

### **Considerações finais**

Impulsionar um trabalho com vistas à construção de práticas restaurativas no ambiente escolar constituiu num grande desafio, pois de início precisamos vencer o sentimento de estranhamento por parte dos sujeitos envolvidos bem como a descrença. No entanto, a medida que cada grupo, seja estudantes, professores, equipe gestora, funcionários iam conhecendo os princípios que regem a prática foi se delineando uma atividade com muita fluidez. Foi gratificante ao final de cada círculo ouvir de estudantes, professores, gestores, funcionários as manifestações voluntárias afirmando a importância da realização da prática. Ficou perceptível que há uma enorme necessidade de que esse trabalho seja realizado de forma contínua, a fim de que a aplicação de círculos de paz na escola possa para além de atividades pontuais construir de fato uma cultura de paz no ambiente escolar, onde a empatia, a compreensão mútua e o respeito possam ser princípios norteadores dos relacionamentos.

Nesse artigo procurou-se demonstrar o quanto a escola precisa buscar alternativas para inserir entre os sujeitos do ambiente escolar o diálogo eficaz, nesse sentido, a realização de círculos de paz surge como uma prática muito eficiente por sua proposta humanizadora e que consegue quebrar as relações de hierarquia promovendo momentos de conexão entre os que participam. A Justiça Restaurativa se apresenta então, como uma possibilidade para o ambiente educacional que tanto necessita ser humanizado e pacificado, diante de tantos conflitos que ocorrem diariamente, resultando em muita violência e desgaste de relacionamentos. As práticas restaurativas e em especial os círculos de paz, na modalidade círculo de diálogo, apresenta-se com uma ferramenta que promove um espaço de escuta, tão necessário para a promoção de uma educação voltada para um verdadeiro diálogo nos mais variados âmbitos.

Desse modo, os discursos de alunos e professores confirmam o quanto é benéfico trabalhar com práticas circulares. Quando a escola acolhe os sentimentos de todos que nela estão envolvidos, o ambiente torna-se mais prazeroso e certamente se tornará mais fácil estudar, ensinar, trabalhar, enfim, conviver nesse espaço. A realização dos círculos também nos trouxe a importância do planejamento nesse processo, sem que, no entanto, ele seja visto como estático, pois a atuação do facilitador deve ser de coerência observando as necessidades do círculo. Muitas vezes uma pergunta planejada, não cabia mais devido a forma como o círculo fluía, então era necessário que uma pergunta fosse suprimida ou ainda substituída por outra mais conveniente ao momento. Da mesma forma, cada público reage de forma diferente ao ser impactado pela experiência da participação, assim, ao conhecer mais de perto uns aos outros todos saem de alguma maneira afetados pelo círculo o que provoca uma cadeia de transformação nos relacionamentos.

Enfim, o ambiente escolar precisa urgentemente ser visto por gestores, professores, funcionários e estudantes como um espaço de interação social e construção de relacionamentos saudáveis, não aceitando que os conflitos alcancem proporções que dificultem ou invalidem essa proposta. Assim,

uma escola pautada em relacionamentos humanos deve priorizar uma prática que seja pautada no diálogo, na empatia, na tolerância, na humildade, e as práticas restaurativas podem dar o suporte necessário para que se alcance a efetivação dessa escola.

## REFERÊNCIAS

BOONEN, Petronela Maria. **A justiça restaurativa um desafio para a educação.**

Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10062011-140344/publico/PETRONELA\\_MARIA\\_BOONEN.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10062011-140344/publico/PETRONELA_MARIA_BOONEN.pdf)>. Acesso em 02 ago. 2020

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança: guia de práticas circulares:** o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Disponível em: . Acesso em: 02 ago. 2020.

BRANCHER, L. **Justiça restaurativa: para além do perdão e da vingança.** In: Cultura de paz: da reflexão à ação; Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

CHRISPINO, Á. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, 2007. Disponível em: . Acesso em: 31 jul. 2020.

DIAS, Clara Celina Ferreira. **Justiça restaurativa nas escolas públicas: uma alternativa para mediação de conflitos.** Disponível em:

<file:///C:/LEITURAS%20JR/JR%20%20NAS%20%20ESCOLAS%20P%C3%9ABLICAS.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2020

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 183-199.

GROSSI, Patrícia K. et al. **Implementando práticas restaurativas nas escolas brasileiras como estratégia para a construção de uma cultura de paz.** Revista Diálogo Educacional , Curitiba, v. 9, n. 28, p. 497-510, set./dez. 2009. Disponível em: .Acesso em 18 jul. 2020

NUNES, Antonio Carlos Ozório. **Diálogos e práticas restaurativas nas escolas - Guia Prático para Educadores.** Disponível em: . Acesso em: 03 ago. 2020

PRANIS, K. **Processos Circulares.** São Paulo: Palas Athena, 2010.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; RODRIGUES, Paula Janaina Meneses. **O diálogo como possibilidade de mediação da violência na escola.** Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/894/89427917012.pdf>>. Acesso em 28 jul. 2020

SILVA, Carla Sofia Rocha da. **A relação dinâmica transferencial entre professor-aluno no ensino.** Disponível em: . Acesso em: 29 jul. 2020.

ZEHR, H. **Trocando as lentes: Justiça Restaurativa para o nosso tempo.** São Paulo: Palas Athena, 2008.

ZEHR, Howard. **Justiça restaurativa: teoria e prática.** São Paulo: Palas Athenas, 2012.

\*Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - 2017

Licenciada em Geografia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC)

Especializanda do curso de Justiça Restaurativa da Faculdade Madre Thaís (FMT)

Professora da Educação Básica da rede municipal de Ilhéus/BA

leciameo31@gmail.com